



PÛRNA

INSTITUTO DE YOGA INTEGRAL
E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

PARTE 1 - CAPÍTULO 4

O SACRIFÍCIO, A VIA TRIPLA E O SENHOR DO SACRIFÍCIO

Compilação: Renan Leme | Transcrição: Elisangela Ribeiro

A lei do sacrifício é o ato divino comum que foi lançado por toda parte no mundo em seu começo, como um símbolo da solidariedade do universo. O ego que se crê um ser separado, independente e pretende viver por si, não é e não pode ser independente nem separado, e tampouco pode viver por si, mesmo se quisesse, pois todos estão ligados uns aos outros por uma Unidade secreta.

“Não é pelo amor a esposa que a esposa nos é cara”, diz Yajinavalkya no Upanishad, “mas pelo amor ao Self”. Toda unidade entre criaturas é, em sua essência, encontrar-se, é uma fusão com aquilo de que nos separamos e uma descoberta de si nos outros.

A lei do sacrifício na Natureza desperta a consciência da existência de um Ser único, naquele que doa e naquele que é o objeto do sacrifício. A culminação do sacrifício é o próprio cume do amor e devoção. O pico mais alto do amor ergue-se em um céu de um dom de si mútuo e completo; seu cume é a fusão de duas almas em uma só. Uma união espiritual com o Mais Alto por meio do sacrifício, um dom de si sem reservas ao Eterno.

A essência verdadeira do sacrifício não é a autoimolação, é o dom de si; seu objetivo não é anular-se, mas realizar-se; seu método não é a automortificação, mas uma vida mais

ampla; não a automutilação, mas a transformação de nossos elementos humanos em elementos divinos.

Em resumo o que é exigido de nós é que façamos de toda a nossa vida um sacrifício consciente. Todas as nossas ações – a menor, a mais comum, a mais insignificante e também a mais nobre e mais excepcional – devem ser efetuadas como atos consagrados. Nossa Natureza individualizada deve viver na consciência única de um movimento interior e exterior dedicado a Algo que está além de nós e é maior que nosso ego.

Nossas ações mais comuns, mais grosseiramente materiais, devem assumir esse caráter sublimado: ao comer, devemos estar conscientes de que oferecemos esse alimento a essa Presença em nós: essa deve ser uma oferenda sagrada em um templo, e a sensação de prazer ou de que satisfazemos uma mera necessidade física deve nos deixar.

Não será mais possível limitar-se à ideia de espécie, de si mesmo ou de outros. O que fazemos deve ser conscientemente oferecido como um sacrifício, não a espécie, aos outros, ou a nós mesmos, mas à Divindade Única. O Habitante Divino que estava escondido por esses símbolos não deve mais permanecer escondido.

Os próprios movimentos da nossa respiração, as batidas de nosso coração podem e devem tornar-se conscientes de que são o ritmo vivo do Sacrifício universal.

Uma percepção crescente do Divino em todas as coisas, uma comunhão sempre mais profunda com o Divino em todos os nossos pensamentos, vontade e atos. Um amor absorvente pela Presença Divina, de quem ele se [o ser humano] se sente cada vez mais próximo, e com isso nasce, também um amor universal por todos os seres, todas as formas e criaturas vivas que são as habitações do Divino.

Em tudo o buscador espiritual começa a encontrar o Objetivo único de sua adoração e de seu serviço. Assim por esse caminho do sacrifício, a Via das Obras encontra aquela da Devoção.

Em tudo está o Ser único, o Divino único é tudo; todos estão no Divino, todos são o Divino, e nada mais há no universo.

Tudo o que vemos e ouvimos, tudo o que tocamos e sentimos, tudo deve ser conhecido e sentido por nós como moradia da Divindade, envolvido pela Onipresença eterna.

Nada deve ser empreendido para nós mesmos enquanto existência separada; e nada deve ser feito para os outros – vizinhos, amigos, família, país, ou humanidade ou outras criaturas – apenas porque eles estão conectados com nossa vida pessoal e nossos sentimentos, ou porque o ego tem uma preferência ou interesse em seu bem-estar.

Há uma única verdade segura e totalmente conciliadora na base do universo: que a vida é a manifestação de um Espírito não criado; e a chave do segredo escondido da vida é encontrar a relação verdadeira desse Espírito com suas próprias existências criadas. Há por trás de toda essa vida, o olhar de um Ser eterno sobre seus inumeráveis devires. Porém esse conhecimento será sem valor para o Ioga, se for apenas uma noção intelectual e metafísica, vazia de vida.

Uma realização apenas mental não pode ser suficiente para o buscador espiritual, pois aquilo que o Ioga busca não é só a verdade do pensamento, mas a verdade dinâmica de uma experiência espiritual viva e reveladora. Deverão despertar em nós uma proximidade constante e envolvente, uma percepção vivida da Presença, uma comunhão, um sentimento de intimidade, um contato concreto com ela, sempre e em todo lugar. Essa Presença deve permanecer conosco como a Realidade viva que impregna tudo e na qual nós e todas as coisas existimos, agimos e nos movemos.

Se o ego instrumental estreito não começar a imergir nesse Ser logo que o vê, se o pequeno “eu” exterior construído pela mente recusar-se a desaparecer nesse “Eu” espiritual maior, então minha realização não será autêntica. Em alguma parte de mim há um obstáculo

egoístico; alguma parte de minha natureza opõe à verdade todo-devoradora do Espírito a recusa daquele que pensa a si mesmo e quer se preservar.

Estas são as três realizações fundamentais: realização do Divino em mim, no Divino nos outros e no mundo e do Divino transcendente.

Se abandonar o mundo e suas atividades fosse o objetivo único do buscador espiritual, essas três grandes realizações basilares bastariam para a consumação de sua vida espiritual, mas ele deve considerar o mundo e suas atividades, deve aprender qual é a Verdade divina que pode se esconder por trás delas e que a sua interação é a própria condição para a manifestação daquilo que está no interior do Ser. É Brahman que está aqui com a face de Maia.

A dualidade Brahman-Maia antes conflitante, é agora bi-una e revela-se ao sadhaka [praticante] como o primeiro grande aspecto dinâmico do Ser de todos os seres, o Mestre da existência, Senhor do sacrifício cósmico, uma Força criadora ou uma Energia de operações que constitui, impele e guia todas as atividades concebíveis e cria miríades de formas visíveis para nós, utilizando-as como um suporte estável para o fluxo incessante de sua ação e criação.

O buscador espiritual começa a perceber com intensidade a grande dualidade: Alma-Natureza, Purusha-Prakriti.

Essa dualidade, em aparência separada, na verdade é inseparável. Em qualquer lugar onde esteja a Prakriti [Energia que gera a matéria], estará o Purusha [Consciência]; onde estiver o Purusha [Consciência], estará a Prakriti [Energia que gera a matéria]. Mesmo em sua inação, o Purusha contém toda força e todas as energias da Prakriti, prontas para serem projetadas; mesmo na impetuosidade de sua ação, Prakriti leva em si toda a consciência do Purusha como único suporte e sentido de seu propósito criador. Uma vez mais, o sadhaka descobre em sua experiência os dois polos de existência de um Ser Único.

Tudo se prepara ou preexiste na Divindade enquanto Ser, tudo nasce dela e é sustentado por sua Vontade e Presença; tudo emana, posto em movimento pela Divindade enquanto poder; tudo se torna, age e se desenvolve por esse Poder.

A Consciência-Força divina ou Mãe universal, torna-se a mediadora entre o Um eterno e o Múltiplo manifestado. Por um lado, pelo jogo das energias que traz do Um, ela manifesta o imensurável Divino no universo, envolvendo e fazendo as aparências sem fim a partir de suas substância reveladora; e do outro lado, pela corrente ascendente das mesmas energias, ela reconduz essa multiplicidade a Isto de onde ela nasceu, de modo que a alma, em sua manifestação evolutiva, possa retornar cada vez mais à Divindade ou assumir aqui seu caráter divino.

Torna-se visível que ela trabalha para o desenvolvimento da Consciência Divina em nós e permanece acima, atraindo-nos para sua entidade mais elevada, revelando-nos cada vez mais a própria essência do Conhecimento, da Vontade e da Ananda divinos.

Seu poder é, ao mesmo tempo, libertador e dinâmico, criador e efetivo, pois, ao eliminar os movimentos tortuosos e emaranhados de nossa consciência inferior feita da substância da Ignorância, ela reconstrói e refaz nossa alma e natureza nas forças de uma Natureza divina mais alta.

É só quando uma completa união dos dois lados da dualidade é efetuada e governa sua consciência, que o buscador começa a se abrir a um poder mais completo, que o arranca por completo do conflito desordenado e o faz entrar em sua Verdade mais alta e torna possível a descida dessa Verdade, para iluminar, liberar, esse mundo da ignorância e agir soberanamente sobre Ele.

Uma presença impessoal dominou do alto sua natureza ou nela entrou e a ocupou; uma Luz desceu e impregnou sua mente, seu poder vital e as próprias células do seu corpo, iluminou-as com o conhecimento, revelou-a a si mesmo até em seus movimentos mais disfarçados e insuspeitos, e expôs, purificou, destruiu ou mudou em luz tudo o que pertencia

à Ignorância. Uma Força derramou-se nele como uma corrente ou como um mar, trabalhou em seu ser e em todos os seus membros, dissolveu, refez, remodelou, transfigurou, em toda parte.

Uma Beatitude o invadiu e mostrou que ela pode tornar impossíveis o sofrimento e a dor, e transmutar a própria dor em prazer divino. Um Amor sem limites o uniu a todas as criaturas, ou lhe revelou um mundo de intimidade inseparável e beleza inexprimíveis, e começou a impor sua lei de perfeição e seu êxtase no meio mesmo da desarmonia da vida terrestre. Detrás de todas essas coisas, e nelas, o buscador espiritual sentiu uma Divindade que é todas essas coisas, um Portador da Luz, um Guia e Conhecedor de tudo, o Mestre da Força, um doador de Beatitude, o Amigo, a Ajuda, o Pai, a Mãe, o Companheiro no jogo cósmico, o Mestre absoluto de seu ser, o Amante e o Amado de sua alma. Todas as relações conhecidas pela personalidade humana estão presentes no contato da alma com o Divino; mas elas se elevam a níveis supra-humanos e impõem o sadhaka [praticante] a uma natureza divina.

Aquilo que buscamos é um conhecimento integral, uma força integral, a união mais vasta possível com o Todo e o Infinito por trás da existência.

Se as relações humanas como são praticadas agora pelo ser humano são cheias de pequenezas, distorções e ignorância, elas são, no entanto, sombras desfiguradas de algo que existe no Divino, e, ao girá-las [as relações humanas] em direção do Divino, o sadhaka [praticante] o faz descer [o Divino], a fim de manifestá-lo na vida. É através do ser humano, ao ultrapassar-se e abrir-se para uma plenitude suprema, que o Divino deve manifestar-se aqui.

O Senhor do Sacrifício revela-se ao buscador espiritual à medida em que progride o sacrifício. No final, a realidade integral suprema brilha através disso tudo, incognoscível para a Mente que faz parte da Ignorância. Essa revelação de uma Verdade suprema ou de um Ser

supremo, de uma Consciência, Poder, Beatitude e Amor supremos, impessoais e pessoais ao mesmo tempo, é o objetivo primeiro e a condição da consumação última do sacrifício.

A união de nosso ser instrumental, assim como o de nossa alma e nosso espírito, deve transformar nossa natureza imperfeita na semelhança e na própria imagem da Natureza divina; nossa natureza deve desfazer-se dos movimentos cegos, corrompidos, mutilados e discordantes da Ignorância e revestir-se dessa luz, paz, beatitude, harmonia, universalidade, mestria, pureza, perfeição, de maneira natural e constante.

Nossa natureza deve reverter-se em um receptáculo do conhecimento divino, um instrumento da Vontade-Poder e Força de Ser divinas, uma canal de Amor, Alegria e Beleza divinos. Essa é a transformação a ser efetuada, uma transformação integral de tudo o que somos agora, ou pereceremos ser, pela união – Ioga – do ser finito no Tempo com o Eterno Infinito.

Deve haver uma ascensão de todo o Ser; uma ascensão do espírito – encadeado aqui e entravado por seus instrumentos e seu meio – ao Espírito puro, livre, acima; uma ascensão da alma para uma Supra-alma; uma ascensão da mente para uma Supramente; uma ascensão da vida para uma Supravida; uma ascensão de nossa própria constituição física para unir-se à sua origem.

E isso não pode ser feito em um único voo rápido, mas sim como a ascensão do sacrifício descrita no Veda: uma subida de cume a cume, e em cada cume olhamos mais alto, para tudo o que há ainda a fazer. Ao mesmo tempo deve haver também uma descida para consolidar em baixo o que ganhamos no alto; em cada altura conquistada devemos nos voltar para fazer descer seu poder e iluminação; a descoberta da Luz para sempre radiante nas alturas deve corresponder à liberação da nossa Luz secreta aqui embaixo, até nas cavernas mais profundas da natureza subconsciente.

Essa peregrinação em direção às alturas e a descida para o trabalho de transformação são inevitavelmente uma batalha, uma longa guerra contra nós mesmos e contra as forças

adversas em torno de nós, pois toda nossa velha natureza obscura e ignorante combaterá repetida e obstinadamente a Influência transformadora. Os poderes, os principados e os seres que governam a Ignorância não cederão facilmente seu império.

Por essa razão, a entrega e a submissão Àquilo que está além de nós é indispensável, pois é assim que seu Poder pode agir plena e livremente. À medida que esse dom de si progride, o trabalho do sacrifício torna-se mais fácil e poderoso. Duas mudanças interiores ajudam mais que tudo a converter o que agora parece difícil ou impraticável em uma coisa possível e mesmo segura:

Primeiro a alma secreta e profunda vem para a frente; ela estava velada pela atividade agitada da mente, pela turbulência de nossos impulsos vitais e pela obscuridade da consciência física. Em seguida, e como resultado, um crescimento da Presença Divina no centro, com sua Luz liberadora e Força efetiva, e uma irradiação dessa Presença em todas as extensões conscientes e subconscientes de nossa natureza. Esses são os dois sinais: um, que mostra que nossa conversão e consagração à grande Busca estão completas, o outro, que nosso sacrifício foi aceito, em definitivo, pelo Divino.